

GERSÃO, Teolinda. *A cidade de Ulisses.*
Lisboa: Sudoeste Editora, 2011.
Excerto



Olhava-te portanto em pormenor, os gestos, o vestido, os cadernos de apontamentos, a caneta, que nunca era uma esferográfica qualquer, a caixa dos óculos escuros, a fita ou o gancho que trazias no cabelo – que eu preferia ver solto, caindo sobre os ombros, roçando o tecido leve da blusa.

E sentia-me, ao mesmo tempo, observado por uma mulher muito jovem, que procurava um homem para amar. Nausica (ocorreu-me de repente) saindo de manhã de casa cantando, e encontrando um homem atirado à praia. Que ela ama de imediato, sem saber nada sobre ele. Apenas porque é uma bela manhã e ela espera o amor, com todo o seu corpo jovem ela deseja o amor. Encontra um homem deitado na areia, empastado de sal, e, enquanto as servas fogem, não tem medo de se aproximar. Está preparada para aquele encontro, preparou-se a vida inteira, antes daquela manhã para a qual agora todas as manhãs convergem. Por isso sonhou com ele naquela noite e saiu de casa a cantar, como também agora canta, no caminho de volta.

Espero por ti, na casa dos meus pais.

Não sabe nada sobre aquele estrangeiro, não sabe que ele está de passagem, que estará sempre de passagem. Não sabe que ele tem outra mulher.

Esse é o segundo momento, quando ele fala. Mas enquanto ele não falar é o desejo dela que comanda o mundo. Enquanto ele não contar a sua história, há aquele momento em que ela o encontra deitado na praia, adormecido. E o ama de imediato porque o esperava, porque esperava o amor.

Essa imagem voltou-me outra vez à ideia, da primeira vez que vies-te a minha casa, te despi e deitei na minha cama. Houve um momento, mais tarde, em que ficámos exaustos e adormecemos. Acordei depois de ti e dei conta de que me olhavas, de que certamente já me olhavas há muito tempo, nu e adormecido, trazido pelas ondas do sono até ao estado de vigília. Como se estivesse numa praia e os lençóis fossem uma extensão de areia.

Nu e naufragado, pensei depois. Já tinha vivido tantas histórias de amor, e deixado tantas coisas quebradas para trás. Havia sempre em mim uma insatisfação, uma errância, uma deriva. Era a minha forma de ser, e não podia mudá-la. Mas isso não te disse, e tu não sabias.

E eu também não sabia quase nada sobre ti, só sabia que quando nos conhecemos nos amámos de imediato, porque não podíamos ter feito outra coisa.

Foi nessa altura que pintei os quadros da série *A Manhã de Nau-sica*, pouco me importando o contexto. Interessava-me apenas o momento: Um homem naufragado que o mar atira à praia, e quando abre olhos e recupera a consciência vê debruçada sobre ele a olhá-lo uma mulher muito jovem. Está uma bela manhã de verão, e ela trá-lo de volta para a vida: dá-lhe agasalho e comida e indica-lhe o caminho de casa. Vai adiante dele preparar tudo, e ficará à sua espera. Vai adiante dele a cantar, a caminho de casa (posso garantir que ela cantava, mesmo que isso não esteja escrito, em parte alguma).

Tudo era igual nessa manhã, quando acordaste e foste à janela. Mas tudo era diferente. Havia lá em baixo a mesma rua, as mesmas casas, as mesmas lojas de legumes e fruta, os mesmos quiosques de jornais, as mesmas pessoas faziam compras como habitualmente, trocariam com quem estava atrás do balcão as mesmas frases banais de “obrigado” e “bom dia”.

E no entanto tudo era outro, como se tivesse mudado de repente e ninguém mais soubesse, a não seres tu.

Caminhavas com um segredo dentro de ti, que não era visível para ninguém, mas transformava o mundo. Sim, o 28 continuava a passar, chocalhando nos carris, ainda servia os lisboetas em algumas zonas, e os turistas apanhavam-no por divertimento, como se ele pudesse levá-los até séculos passados. E agora outro eléctrico, encarnado, que fazia o percurso das colinas de Lisboa, seguia atrás do 28, tilintando rua acima, enfeitado com pequenas bandeiras. E ali estava como sempre a estação dos correios da Praça de Camões, com portas e janelas encarnadas, como todas as estações dos correios, e o mesmo símbolo, o postilhão a cavalo, tocando uma trombeta. E as carrinhas que levavam crianças às escolas, os carros que entupiam as ruas, parando e arrancando, os táxis que passavam, aquela hora quase todos cheios, e por vezes paravam, atrapalhando ainda mais o trânsito quando o motorista se demorava a passar o recibo ou a devolver o troco.

E em baixo, nos Restauradores, para onde tinhas seguido a pé, quando olhaste para a Avenida da Liberdade e a começaste a subir pelos passeios largos, as árvores eram de um verde tenro e as folhas começavam a nascer, embora ainda estivéssemos no fim do inverno. Aqui e ali varredores metiam as ervas dos canteiros em sacos pretos de plástico, tão grandes que poderiam esconder um cadáver humano. E entre as árvores havia velhos sentados, em bancos de jardim.

De ambos os lados da Avenida sucediam-se lojas, não prestavas atenção aos letreiros das vitrines, a não ser num ou noutro caso, mas era fácil deduzir que anunciavam as novas colecções. E havia os mesmos hotéis de sempre, como o Tivoli, o teatro com o mesmo nome, o cinema São Jorge. E as esplanadas dos cafés, que ainda não tinham guarda-sóis abertos.

Mas tudo isso, tão igual a sempre, era diferente. O mundo transformara-se noutro, e só tu sabias. Por isso sorrias para ti própria, caminhando na rua numa espécie de estado de graça, como se nada ruim te pudesse atingir e a felicidade fosse uma coisa palpável, concreta, que levavas na mão, fechada dentro do bolso, e te pertenceria para sempre.

Tinhas entrado no amor como noutra dimensão. Ou num encantamento. Tudo era igual, mas tudo mudara. Sentias-te poderosa e a vida era fácil, como se nunca mais pudesse haver dificuldades nem obstáculos.

Eu ouvia-te, surpreendido. Despoletara esse poder em ti, mas não o possuía. Lamentava não partilhar contigo o dom de amar assim. Mesmo sabendo que era apenas uma ilusão em que caías. O objecto do amor era aleatório. Era a vibração, o incêndio que despertava no outro que importava. Qualquer homem por quem te apaixonasses te faria sentir o mesmo, porque essa era a tua forma de amar. Calhara ser eu. Só isso. No fundo eu era irrelevante, ao contrário do que imaginavas.

Mas tu continuavas a falar, havia dias, semanas, meses. Parecia-me. Como se nada pudesse quebrar o encantamento nem interromper a tua voz. A cidade iluminava-se e tudo o que olhavas tinha relação comigo: o letreiro amarelo da *Pensão Josefina*, as residenciais baratas que anunciavam quartos com água quente, os letreiros subreptícios de *Zimmer, Chambers, Rooms* que esperavam por amantes furtivos que desapareceriam por detrás de portas, escadas, elevadores, cortinas de janelas.

Resplandescias, como se tivesses dentro uma luz. Porque o amor te iluminava. Se a tua voz fosse tão forte como o teu desejo espalhá-lo-ias aos quatro ventos, cantá-lo-ias sobre os telhados, gritá-lo-ias do alto das colinas, escrevê-lo-ias nas parangonas dos jornais. Se eu desaparecesse, pensei em sobressalto, vagamente aflito, o teu mundo ruía. Eu era a música interior nos teus ouvidos, o sopro na tua boca. Falavas de mim porque era de mim que estavas cheia. Estavas grávida de mim, verifiquei com espanto. Se continuasses a amar-me desse modo, eu nasceria. E seria grande como o mundo, porque era assim que me amavas, era essa a dimensão do teu amor por mim.

Sobre a autora: *Teolinda Gersão*

Influenciada por formas várias de cultura e, dentro destas, pelo contacto com diversos mundos (citadino e rural), a escrita de Teolinda Gersão está marcada pelas viagens e estadas em diferentes lugares, entre os quais a África e o Brasil. Ficcionalista e professora universitária, estudou Germanística, Anglistica e Romanística nas Universidades de Coimbra, Tübingen e Berlim, licenciando-se em Filologia Germânica na Universidade de Coimbra em 1963. Foi leitora de Português na Universidade Técnica de Berlim, docente na Faculdade de Letras de Lisboa e posteriormente na Universidade Nova de Lisboa, onde ensinou Literatura Alemã e Literatura Comparada. A consagração como escritora viria com a publicação do primeiro livro, *O Silêncio*, distinguido com o Prémio Pen Club de Ficção em 1981, cuja leitura faz Eduardo Prado Coelho evocar Clarisse Lispector. *Paisagem com Mulher e Mar ao Fundo* (1982) é a perspectiva de todo um povo que escuta e que obedece, no período da ditadura, e, como no romance anterior, a protagonista recusa e procura. *Os Guarda-Chuvas Cintilantes* (1984) rompe com as formas convencionais da escrita, neste caso da diarística. Nos romances seguintes, *O cavalo do sol* (1989) (novamente Prémio do Pen Club) tematiza a relação homem-mulher nos anos 20 em Portugal, mantendo a atmosfera dos romances anteriores; *A casa da cabeça de cavalo* (1995) (Grande prémio de romance da Associação Portuguesa de Escritores) relata histórias de uma família e do país durante um século e reflecte sobre a escrita (a literatura) como lugar do tempo e da memória; *A árvore das palavras* (1997) coloca-nos perante a sociedade colonial nos anos 50/60 em Lourenço Marques, Moçambique. Por volta dos anos 2000 a autora publicou duas novelas sob voz feminina: *Os teclados* (1999), (Prémio da Crítica da Associação Internacional dos Críticos Literários) iniciação de uma adolescente na vida artística, e *Os anjos* (2000), uma nova visão do adultério e da família sob a visão de uma pré-adolescente interiorana. Os dois volumes de conto - *Histórias de ver e andar* (2002) (Grande Prémio do Conto da Associação Portuguesa de Escritores) e *A mulher que prendeu a chuva* e outras histórias (2007) (Prémio Máxima e Prémio da Fundação Inês de Castro) - pontuam situações contemporâneas em que o trágico irrompe no quotidiano. O excerto acima pertence *A cidade de Ulisses*, último romance, a ser lançado em Lisboa em março de 2011.